

A representação dos refugiados da guerra Rússia-Ucrânia nos jornais portugueses

Ana Rafaela Oliveira, Andreia Florêncio, Bruna Silva, Daniela Luís*

Resumo: A Guerra Rússia-Ucrânia provocou movimentos migratórios forçados por parte da população ucraniana. Nesse sentido, os *media* assumiram um papel importante na representação social destes refugiados. Com este artigo, pretendemos analisar como estes são representados nos jornais portugueses, nomeadamente, no *Jornal de Notícias* e no *Público*, durante o período de tempo de 7 de março a 21 de março de 2022. A partir de uma análise de conteúdo, concluímos que os jornais representam os refugiados ucranianos principalmente como vítimas, onde os países se mostram disponíveis para o seu acolhimento e para a criação de condições que permitam o seu bem-estar, estando aqui presente a *victimization frame*. Foi-nos possível concluir que estes veículos de comunicação se referem a este tema tendencialmente de forma positiva.

Palavras-chave: Refugiados; Guerra; Meios de Comunicação; Vítimas; Ucrânia.

* Estudantes da licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade da Maia. Contatos: a038234@umaia.pt, andreiaflorencio17@hotmail.com, brunafabianamtsilva@hotmail.com, danielaicastro@hotmail.com

La representación de los refugiados de la guerra Rusia-Ucrania en los periódicos portugueses

The representation of refugees of the Russia-Ukraine war in Portuguese newspapers

Resumen: La guerra entre Rusia y Ucrania ha provocado movimientos migratorios forzados por parte de la población ucraniana. En este sentido, los medios de comunicación han jugado un rol importante en la representación social de estos refugiados. Con este artículo, pretendemos analizar cómo ellos son representados en los periódicos portugueses *Jornal de Notícias* y *Público*, durante el período de tiempo del 7 de marzo al 21 de marzo de 2022. A partir de un análisis de contenido, concluimos que los periódicos representan a los refugiados ucranianos principalmente como víctimas, donde los países están disponibles para su recepción y para la creación de condiciones que permitan su bienestar, y aquí está el marco de victimización. Hemos podido concluir que estos medios se están refiriendo a este tema de una perspectiva positiva.

Palavras clave: Refugiados; Guerra; Medios de Comunicación; Víctimas; Ucrania.

Abstract: The Russia-Ukraine War caused forced migration movements by the Ukrainian population, and in this sense the media have played an important role in the social representation of these refugees. With this article, we intend to analyze how these are represented in the Portuguese newspapers *Jornal de Notícias* and *Público*, during the period between March 7th and March 21st. of 2022. Drawing from a content analysis, we concluded that newspapers see them mainly as victims, where countries are available for their reception and for the creation of conditions that allow their well-being, within a *victimization frame*. We have been able to conclude that these media refer to this subject mainly in a positive tone.

Keywords: Refugees; War; Media; Victims; Ukraine.

1. Introdução

Nos últimos anos, o fenómeno dos movimentos migratórios tem sido cada vez mais incluído nas agendas políticas e nos debates públicos, tornando-se assim um tema bastante discutido nos meios de comunicação e seus consumidores (GALANTINO, 2022). Nestes movimentos, é de realçar os termos “emigrante” e “imigrante”, tendo significados diferentes consoante a perspectiva do país de origem. O “emigrante” é alguém que deixa o seu país de origem para residir por um período prolongado ou permanente noutro país, enquanto “imigrante” é um indivíduo que entra num país que não é o seu país de origem. Os estudos realizados acerca da representação de imigrantes refugiados nos media caracterizam-nos maioritariamente como vítimas, como despesa para o país de acolhimento e como terroristas ligados à ilegalidade e ao crime (BENNETT et al., 2013; EL REFAIE, 2001; GOODMAN; SPEER, 2007; IBRAHIM, 2005).

No final de fevereiro de 2022, mais especificamente no dia 24, as forças militares russas lideradas pelo presidente Vladimir Putin deram início à invasão na Ucrânia. É importante referir que a Ucrânia é considerada um país pouco estável a nível político e social sobretudo desde a crise de 2013/2014 devido à contestação da população contra a decisão do presidente Víktor Yanukóvytch da não entrada do país na União Europeia. Face ao facto de não pertencer à mesma, viu-se politicamente sozinha na guerra atual.

Como reação a esta invasão, os movimentos migratórios por parte da população ucraniana foram praticamente imediatos, recorrendo estes aos países fronteiriços como a Polónia, a Hungria, entre outros, alargando-se também aos restantes países europeus devido ao elevado número de pedidos de ajuda e falta de recursos. Esta crise permitiu que os media tivessem a capacidade de moldar a ideia de quem são os

refugiados e o que a sua chegada significa para os países de acolhimento em termos sociais, políticos, económicos e culturais; visto que este clima de tensão faz com que as pessoas procurem todo o tipo de informação a partir dos meios de comunicação disponíveis (PERSE, 2001).

Este poder dado aos media faz com que estes consigam contribuir para a formação da opinião pública, podendo ser esta positiva, negativa ou neutra; e para as narrativas dominantes (QUINSAAT, 2014) que acabam por ter influência nos pensamentos, comportamentos e nas ideias da população, e conseqüentemente na forma como esta recebe os refugiados. A cobertura noticiosa sobre a Guerra Rússia-Ucrânia começou mesmo antes do início da mesma, quando havia apenas ameaças por parte da Vladimir Putin, e perdura até ao momento atual.

O nosso problema de pesquisa consiste em entender como os refugiados ucranianos foram noticiados em Portugal, de modo a identificar padrões de representação ou framings em circulação nos media, no início da guerra. Para tal, foi realizada uma análise de conteúdo de 94 notícias publicadas em dois jornais portugueses, ao longo de duas semanas de março de 2022. A análise da cobertura noticiosa sobre os refugiados nos meios de comunicação portugueses incide na narrativa utilizada pelos media para os caracterizar e na representação que fazem dos refugiados ucranianos. Em suma, o nosso estudo pretende contribuir para o entendimento sobre os framings e narrativas dominantes que circulam nos meios de comunicação e na população acerca desta minoria. Neste sentido, existe a possibilidade da influência a longo prazo, no que diz respeito às formas como as pessoas agem e às ideias políticas e sociais sobre a entrada dos refugiados ucranianos nos países de acolhimento, mais especificamente, em Portugal (BETTS, 2015) “criando novos padrões e temas” (ROMAN; YOUNG; PERKINS, 2021, p. 154).

2. Revisão da Literatura

Ao pesquisarmos sobre o tema em questão, conseguimos perceber que os media têm um papel importante no entendimento de quem são os refugiados e o que a sua chegada significa para os países de acolhimento, visto que a visão que a população tem sobre estes é diretamente influenciada por estes veículos de informação (PERSE, 2001). Este papel ganha importância quando os consumidores não têm qualquer tipo de experiência com refugiados, o que faz com que os media consigam influenciar ainda mais o conhecimento sobre eles (ROMAN; YOUNG; PERKINS, 2021).

Segundo a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951 (UNITED NATIONS, 1951), para alguém poder ser acolhido como um refugiado, este tem de:

ser perseguido em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país.

Isto significa que os requerentes de asilo no processo de alcançarem o estatuto de refugiados não deveriam sofrer qualquer tipo de juízos de valor independentemente do país em que estes se candidatem. Contudo, esta aceitação varia muito ao redor do planeta, em específico na Europa onde os media do país em estudo se situam.

Face a isto, uma pergunta mantém-se: “por que as interpretações jurídicas dos países de um “refugiado” são tão diferentes em toda a Europa?” (KOCH et al., 2020, p. 6). São as narrativas dos media que contribuem para as diferentes reflexões e diferentes framings, ao utilizarem linguagem ligada à guerra, como invasão e ocupação ou ligada a desastres naturais, como inundações e cheias, estes acabam por ajudar a

criar uma narrativa de “incontrolabilidade e ameaça” (GALANTINO, 2022, p. 262).

Neste sentido, é claro o papel que os media têm em influenciar o debate público e as ideias políticas no que diz respeito à emigração e asilo, visto que estes têm a capacidade de criar agendas e debates (BERRY; GARCIA-BLANCO; MOORE, 2015). Face a isto, existem certas ideias dominantes na sociedade que têm repercussão nas atitudes, comportamentos e emoções para com os recém-chegados (QUINSAAT, 2014). A população interpreta o mundo à sua volta com base nas narrativas que ouviram anteriormente, sendo que também neste tema a opinião da mesma sobre os refugiados é influenciada pelas notícias passadas (MOEN-LARSEN, 2020). A cobertura jornalística é muitas das vezes baseada em deduções de como as notícias devem ser escritas. Contudo estas crises, como é o caso da guerra Rússia-Ucrânia, abrem um precedente ao criarem novas interpretações do problema (GEMI; ULASIUK; TRIANDAFYLLIDOU, 2013; HORSTI, 2008; NOSSEK, 2008).

2.1 Framing dos refugiados nos media

O termo “framing” é utilizado para examinar textos e imagens, sendo estes definidos como a ideia central de notícias, explicando assim o significado das mesmas (GAMSON; MODIGLIANI, 1987). Contudo, face a estes frames já pré-definidos existem factos e características menos salientes que não são comunicados, não lhes dando assim qualquer importância (DE VREESE; LECHLER, 2012). Neste sentido, os frames baseiam-se na repetição de certas palavras e símbolos que podem ser mostrados como positivos, negativos ou neutros (ENTMAN; MATTHES; PELLICANO, 2009; TANKARD, 2001). Por outro lado, vários estudos afirmam que os media estão envolvidos nestes processos, onde colaboram com as autoridades do país em questão para formarem um problema

social que pode desenvolver-se em pânico moral. Estas colaborações são muito utilizadas quando se trata de “emigrantes ilegais”, enquanto em refugiados ligados a catástrofes naturais ou guerras, o enquadramento é completamente diferente (VAN GORP, 2005).

Vários investigadores consideram que a cobertura noticiosa de refugiados é dominada por um problema de orientação/framing (GEMI; ULASIUK; TRIANDAFYLLIDOU, 2013; HELLER, 2014; NICK LYNN; SUSAN LEA, 2003), pois existem framings já estipulados pelos media como é o caso da victimization frame, da economization frame e destes serem associados à ilegalidade, ao terrorismo e ao crime (BENNETT et al., 2013; EL REFAIE, 2001; GOODMAN; SPEER, 2007; IBRAHIM, 2005).

A victimization frame foca-se na situação em que os refugiados se encontram e retrata-os como pessoas que necessitam de ajuda face às suas circunstâncias, no sentido em que estas não são culpa deles (HORSTI, 2008; VAN GORP, 2005), visto que normalmente as causas para estes refugiados fugirem do seu país estão ligadas ao poder estabelecido no país correspondente. Os media têm a capacidade de representarem este frame ao fornecerem informação sobre as motivações e as causas para os refugiados fugirem, as suas condições de vida, o seu estado de saúde, entre outros; chamando assim a atenção dos consumidores e da população em geral para as obrigações legais e políticas (HARRELL-BOND, 1999). Contudo, a victimization frame tem um lado negativo, pois estas minorias por vezes são retratadas como desesperadas e que se encontram a sofrer, estando assim completamente dependentes de ajuda externa (CHOULIARAKI, 2012).

Por outro lado, também os refugiados são vistos de uma forma completamente diferente, sendo estes associados à ilegalidade, ao terrorismo e ao crime, onde são acusados de

esgotarem os recursos que noutra situação iriam ser utilizados para o país de acolhimento, estando esta em específico ligada à economization frame (HIER; GREENBERG, 2002; MADRA; ADAMAN, 2014; QUINSAAT, 2014). Estes tipos de framing acabam por influenciar a população e o que esta pensa das minorias, pois alguns meios de comunicação afirmam que são vítimas e necessitam de ajuda, enquanto outros afirmam que são terroristas e é ilegal a sua entrada nos vários países, tornando-se estes um desperdício de tempo e recursos.

Muitas das vezes os media, ao fazerem a cobertura noticiosa sobre este assunto, utilizam várias metáforas interligadas à quantidade de pessoas e à magnitude destes “movimentos migratórios”, o que faz com que seja realizada a associação da emigração com a impotência contra a grande quantidade de pessoas recém-chegadas, bem como os futuros custos utilizados nas mesmas. Esta perspetiva desumaniza estes grupos de refugiados e faz com que exista a diferenciação entre o “nós” e o “eles”, pois são vistos como forasteiros que corrompem a identidade cultural, a linguagem e valores nas sociedades que os recebem (GILBERT, 2013; GREUSSING; BOOMGAARDEN, 2017).

Dentro desta frame é possível abordar os emigrantes não documentados que são apresentados como um objeto, uma não-pessoa, o que faz com que estes sejam vistos como uma ameaça por não terem historial social nem pessoal (DAL LAGO; VÄHÄMÄKI, 1999). É de salientar ainda a conotação negativa da expressão “emigração ilegal” que naturalmente se associa ao terrorismo, tráfico de humanos e tráfico de drogas; estando também estes contextualizados com pessoas a solicitarem asilo (HORSTI, 2008).

Em suma, as notícias têm a capacidade de circular informação rapidamente, informando os leitores acerca do que acontece no mundo, visto que a maior parte da população

depende das interpretações dos media (MOEN-LARSEN, 2020). Contudo, é explícito o problema de orientação nos media, pois a representação dos refugiados em framings já estipulados faz com estes que sejam vistos como passivos e como ameaça para a cultura, segurança e bem-estar do país de acolhimento, e conseqüentemente, desumanizados em grupos anónimos (GREUSSING; BOOMGAARDEN, 2017).

É de referir que cada vez mais as coberturas noticiosas se focam nos pontos negativos da emigração ilegal (ROMAN; YOUNG; PERKINS, 2021), sendo que os refugiados são noticiados de forma mais negativa do que outro tipo de emigrantes (LAWLOR; TOLLEY, 2017). São estes frames que são comunicados às audiências, contribuindo para uma visão estereotipada dos refugiados. Assim, de forma a perceber se estes framings estão presentes nos media portugueses, este estudo pretende responder à seguinte questão de investigação: “Como são representados os refugiados na imprensa portuguesa durante a guerra Rússia-Ucrânia em 2022?”.

3. Metodologia

Este estudo baseia-se na análise de várias notícias de modo a compreender a visão e a narrativa dos media portugueses, no que diz respeito aos refugiados ucranianos provenientes da guerra Rússia-Ucrânia em 2022. Os artigos recolhidos foram publicados em dois jornais nacionais, nomeadamente o Público (P) e o Jornal de Notícias (JN), durante o período de 7 de março a 21 de março de 2022, duas semanas que correspondem ao início do sucedido, mais concretamente do dia 24 de fevereiro. Estes jornais foram os escolhidos pelo facto de serem jornais portugueses de referência a nível nacional, com elevados números de vendas e visualizações diárias.

Neste estudo vai ser realizada uma análise qualitativa onde iremos analisar o conteúdo das notícias. Ao procedermos à recolha das notícias nos jornais referidos anteriormente, pesquisámos no site dos jornais, através da palavra-chave “refugiados”, de forma a obtermos mais resultados, sendo que recolhemos 39 do JN e 55 do P, perfazendo um total de 94 notícias (gráfico 1).

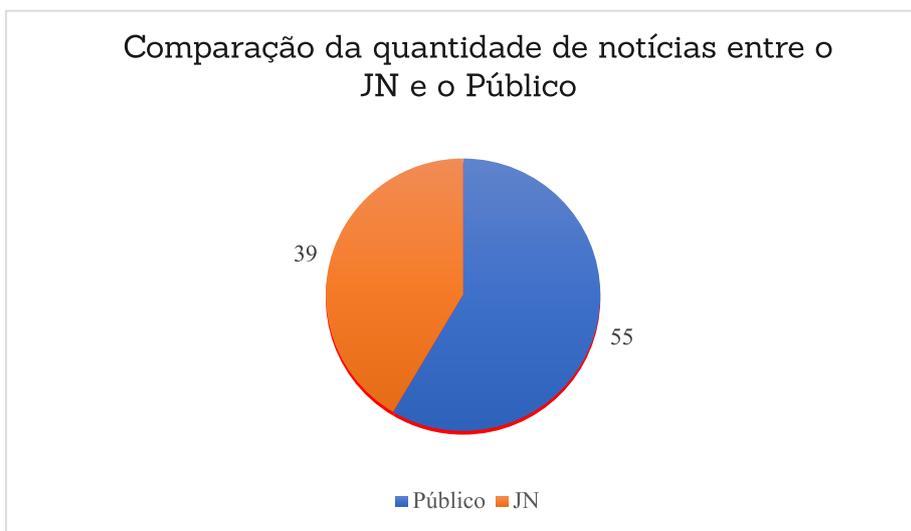


Gráfico 1

Para a análise de notícias, utilizamos a plataforma do NVivo, onde classificamos todas as notícias recolhidas, conforme as seguintes dimensões descritas na tabela 1: grupo social, país de acolhimento, tema, tom e visão/enquadramento, sendo que em cada uma destas é possível encontrar várias subcategorias.

Dimensões	Descrição	Variáveis
1. Grupo Social	Análise dos grupos sociais dominantes nas notícias	"homens", "mulheres", "crianças e jovens", "mulheres, crianças e jovens"
2. País de Acolhimento	País em que os refugiados foram acolhidos	"Polónia", "Roménia", "Hungria", "Portugal", "disponíveis para acolher"
3. Tema	Classificação do tema em que se inserem as notícias analisadas	"sociedade", "política", "economia", "saúde", "educação"
4. Tom	O tom dominante presente nas notícias	"positivo", "negativo", "neutro"
5. Visão e Enquadramento	Representação dos <i>media</i> sobre os refugiados	"vitima", "invasor", "despesa para o país"

Tabela 1 | Método de análise das notícias

4. Resultados

No âmbito desta análise da representação dos refugiados durante a guerra Rússia-Ucrânia nos jornais portugueses, é possível verificar que em 94 notícias, 72% tem um tom positivo, 13% neutro e 15% negativo, sendo que a conotação positiva está interligada à solidariedade, à vontade da população de os ajudar e os acolher face à sua situação, como é explícito no exemplo do título da notícia do JN: "Porto, Gaia, Matosinhos unem-se para ajudar refugiados ucranianos"; e a conotação negativa refere-se à condenação da invasão da Rússia à Ucrânia e não aos refugiados em si, como é possível verificar no seguinte excerto da notícia do JN: "A invasão russa foi condenada pela generalidade da comunidade internacional que respondeu com o envio de armamento para a Ucrânia e o reforço de sanções económicas Moscovo". Já como exemplo de tom neutro, onde se limitaram apenas aos factos em si, é possível referir o seguinte título do JN: "Refugiados ucranianos enfrentam câmbio especulativo". Ao realizarmos uma comparação entre as notícias dos dois jornais analisados (gráfico 2), verificamos que o P tem uma percentagem maior

(82%) do que o JN (59%) no que diz respeito ao tom positivo, sendo que no tom negativo e neutro têm percentagens equilibradas. Esta diferença de notícias de tom positivo poderá ser explicada por diferenças editoriais?

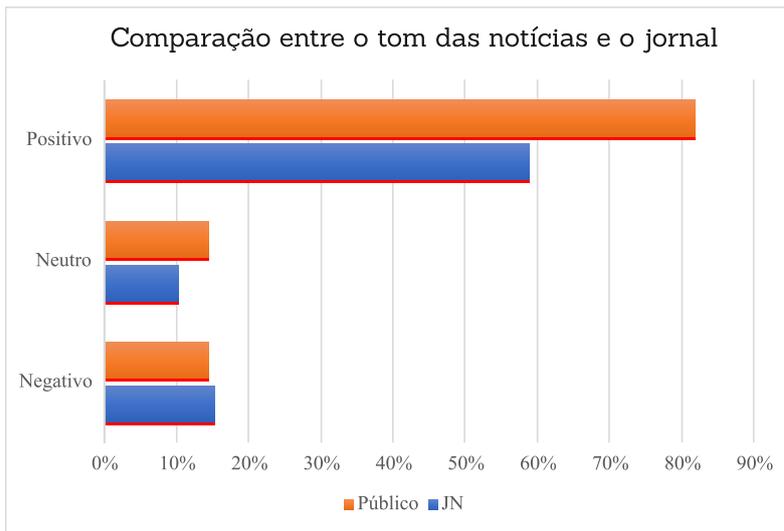


Gráfico 2

Os refugiados são representados maioritariamente como vítimas, detendo 97%, enquanto apenas 3% das notícias os enquadrava como um potencial perigo, relativamente a doenças preventivas através de vacinas que fazem parte do plano de vacinação português, e que poderiam vir a proliferar com a entrada de pessoas que não possuem esta proteção, bem como o possível aumento de casos de Covid-19. Foi inserido na análise a subcategoria de refugiados como despesa para o país de acolhimento (economization frame) e a representação destes como criminosos e terroristas, devido aos framings referidos na revisão da literatura, contudo não foi encontrada nenhuma notícia com esta ênfase. Por outro lado, a victimization frame apresentou uma supremacia relativamente às outras, possivelmente explicado por serem refugiados vindos

da Europa e se encontrarem em fuga de uma invasão russa ao seu país.

No que diz respeito ao grupo social, não houve notícias relacionadas com o género masculino em específico, o que se pode justificar em parte pela lei marcial que entrou em vigor na Ucrânia e pelo facto deste normalmente não ser visto como uma minoria nestas situações de crise, face a vivermos numa sociedade patriarcal (CURRAN JAMES; LIEBES TAMAR, 2002). A maioria das notícias, nomeadamente 66% direccionaram-se a refugiados no geral e não a um grupo específico. Por outro lado, existiram notícias direccionadas às minorias, sendo elas as mulheres na sua individualidade com 5%, estas em conjunto com crianças e jovens, com 7% e com uma percentagem superior (21%) as crianças e jovens, podendo-se se justificar pelo facto de as mulheres/jovens/crianças serem normalmente consideradas minorias, tornando-se um foco para os media. É de salientar que as mulheres em conjunto com os jovens e crianças são o segundo grupo social mais mencionado com 34%.

Ao compararmos os dois jornais (gráficos 3 e 4) não encontramos grandes diferenças, pois tanto num como no outro os homens não foram mencionados, como foi referido anteriormente, o grupo indefinido foi o mais vezes referido, com 54% no JN e 75% no P. Em relação às minorias, as crianças e jovens foram mais mencionados no P (25%) do que no JN (15%) e as mulheres, crianças e jovens aconteceu o contrário, pois o JN deteve 10% e o P apenas 5%, como é possível verificar nos gráficos 3 e 4.

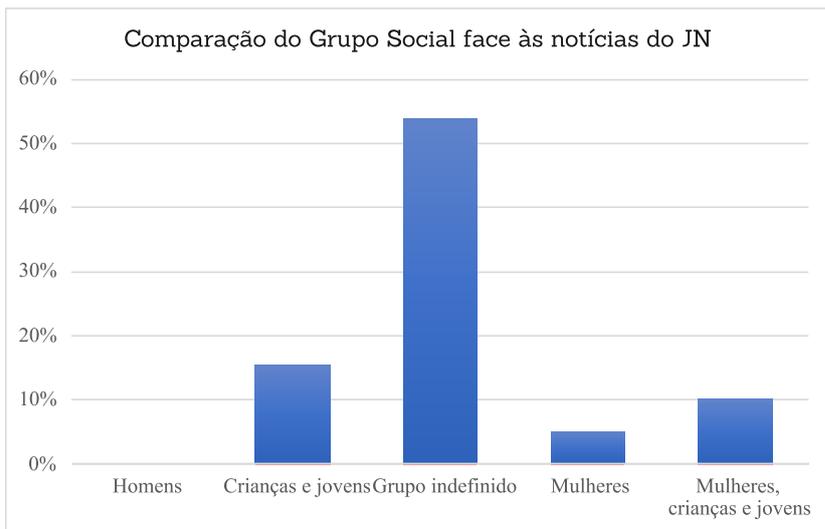


Gráfico 3

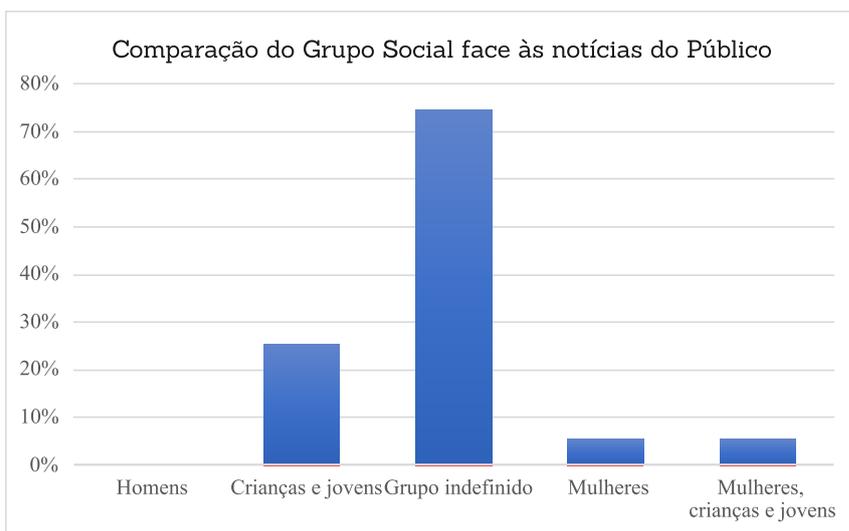


Gráfico 4

Em relação ao tema, a sociedade com 63% e a segurança com 29% são os temas mais abordados por estes dois jornais. A segurança pode explicar-se pelo facto deste tema ser importante no acolhimento dos refugiados e conseqüentemente as condições em que se encontram no país de acolhimento. Contudo, é possível encontrar diferenças entre os dois jornais (gráfico 5), pois no P verificamos que 73% das notícias eram sobre a sociedade, enquanto no JN foram apenas 51%. Também no tema da política é possível ver o desfasamento entre os

jornais, visto que o P detém 25% e o JN 13%.

Quanto aos temas menos abordados, está presente a economia com 13%, a educação e a emigração com 12% e o vandalismo com 1%; sendo possível explicar pelo intervalo de recolha de notícias, apenas duas semanas depois do sucedido, o que fez com que os temas mais abordados fossem interligados com a sociedade em si, como é que os portugueses estavam a acolher, ou seja, em temas mais relacionados com a integração e com a própria sobrevivência que posteriormente passou para segundo plano. Ao compararmos os dois jornais (gráfico 5), existe uma diferença considerável entre o tema da emigração, pois o JN deteve 18% e o P apenas 7%. Em contrapartida, verificamos o contrário nos temas economia e educação, visto que na economia o JN obteve 8% e o P 16% e na educação 5% e 16% respetivamente. Será possível explicar-se pelas diferenças editoriais?

Ana Rafaela Oliveira et al | A representação dos refugiados da guerra Rússia-Ucrânia...

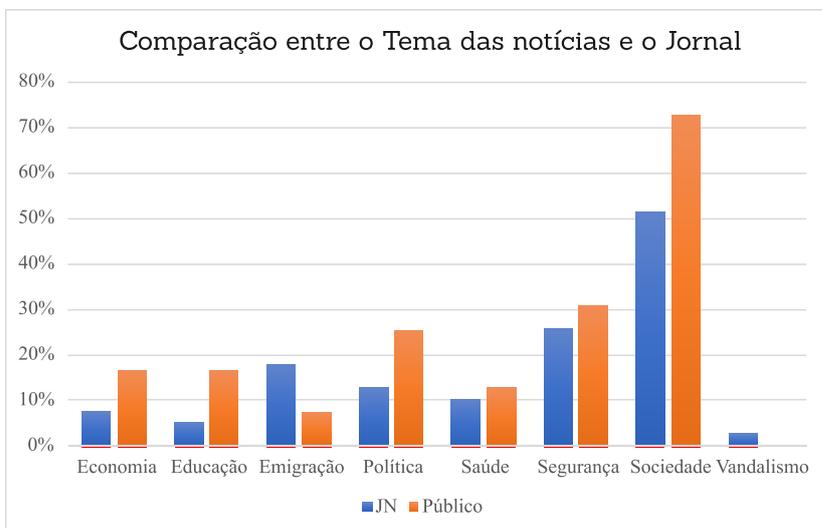


Gráfico 5

Já no que concerne ao país de acolhimento, Portugal é o mais mencionado com 67%, possivelmente pelo facto de se tratar de jornais nacionais portugueses. Por outro lado, a Hungria e a Roménia com 4% e a Polónia com 11%, o que

provavelmente se deve ao facto de estes serem países fronteiriços. Também foram mencionadas 23% das referências na subcategoria disponíveis para acolher, não o tendo feito efetivamente ainda, visto que esta crise ainda era recente, não havendo ainda a organização necessária nos países de destino.

5. Conclusões

Através da análise realizada, conseguimos responder à nossa pergunta de investigação, verificando que os refugiados provindos da guerra Rússia-Ucrânia são descritos pelos jornais portugueses como vítimas, encontrando-se aqui presente a victimization frame (HORSTI, 2008; VAN GORP, 2005); pelo contrário a economization frame não foi mencionada. As notícias escritas referentes aos refugiados tendem a ter um tom positivo, quer pela disponibilidade de acolhimento pela comunidade internacional, quer pela solidariedade da mesma.

Foi possível observar que durante o período de análise, no que diz respeito ao grupo social, o grupo indefinido foi a primeira maioria e as mulheres, jovens e crianças, em conjunto, foram a segunda maioria, enquanto os homens não foram um grupo mencionado na nossa amostra, mostrando assim a discrepância entre os dois grupos. É ainda importante referir que Portugal foi o país mais mencionado na nossa amostra, no que diz respeito ao acolhimento, integração e ajuda generalizada aos refugiados.

Pelo facto da nossa amostra se restringir apenas a dois jornais, e sendo estes portugueses, esta limitou o nosso estudo. Face a estes fatores, esta análise abre caminho para futuras investigações mais abrangentes, quer na ordem nacional como internacional, podendo servir como base para as mesmas.

Referências Bibliográficas

BENNETT, S. et al. The representation of third-country nationals in european news discourse journalistic perceptions and practices. *Journalism Practice*, v. 7, n. 3, 2013.

BERRY, M.; GARCIA-BLANCO, I.; MOORE, K.. Press Coverage of the Refugee and Migrant Crisis in the EU: A Content Analysis of Five European Countries. United Nations High Commission for Refugees, p. 277, 2015.

BETTS, A.. Human migration will be a defining issue of this century. How best to cope? *The Guardian*, 20 set. 2015.

CHOULIARAKI, L.. Between Pity and Irony: Paradigms of Refugee Representation in Humanitarian Discourse. In: MOORE, K.; GROSS, B.; THREADGOLD, T. (Orgs.). *Migrations and the Media*. Nova Iorque: Peter Lang, 2012.

CURRAN, J.; LIEBES, T. (Orgs.). *Media, Ritual and Identity*. Londres: Routledge, 1998.

DAL LAGO, A.; VÄHÄMÄKI, J. Epähenkilöt. *Tiede & edistys*, v. 24, n. 4, abr. 1999.

DE VREESE, C. H.; LECHER, S. News framing research: An overview and new developments. In: SEMETKO, H.; SCAMMELL, M. (Orgs.). *The SAGE Handbook of Political Communication*. Los Angeles: SAGE, 2012.

EL REFAIE, E.. Metaphors we discriminate by: Naturalized themes in Austrian newspaper articles about asylum seekers. *Journal of Sociolinguistics*, v. 5, n. 3, 2001.

ENTMAN, R. M.; MATTHES, J.; PELLICANO, L.. Nature, sources, and effects of news framing. In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. (Orgs.). *The Handbook of Journalism Studies*. Londres: Routledge, 2009.

GALANTINO, M. G. The migration–terrorism nexus: An analysis of German and Italian press coverage of the ‘refugee crisis’. *European Journal of Criminology*, v. 19, n. 2, p. 259–281, 2022.

GAMSON, W. A.; MODIGLIANI, A.. The Changing Culture of Affirmative Action. *Research in Political Sociology*, v. 3, p. 137–177, 1989.

GEMI, E.; ULASIUK, I.; TRIANDAFYLLIDOU, A.. Migrants and media newsmaking practices. *Journalism Practice*, v. 7, n. 3, 2013.

GILBERT, L.. The Discursive Production of a Mexican Refugee Crisis in Canadian Media and Policy. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 39, n. 5, 2013.

GOODMAN, S.; SPEER, S. A.. Category Use in the Construction of Asylum Seekers. *Critical Discourse Studies*, v. 4, n. 2, 2007.

GREUSSING, E.; BOOMGAARDEN, H. G.. Shifting the refugee narrative? An automated frame analysis of Europe's 2015 refugee crisis. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 43, n. 11, p. 1749-1774, 18 ago. 2017.

HARRELL-BOND, B. E.. The Experience of Refugees as Recipients of Aid. In: AGER, A. (Org.). *Refugees: Perspectives on the Experience of Forced Migration*. Londres: Pinter, 1999.

HELLER, C.. Perception management: Deterring potential migrants through information campaigns. *Global Media and Communication*, v. 10, n. 3, 2014.

HIER, S. P.; GREENBERG, J. L.. Constructing a discursive crisis: Risk, problematization and illegal Chinese in Canada. *Ethnic and Racial Studies*, v. 25, n. 3, 2002.

HORSTI, K.. Europeanisation of public debate: Swedish and Finnish news on African migration to Spain. *Javnost*, v. 15, n. 4, p. 41-53, 2008.

IBRAHIM, M.. The securitization of migration: A racial discourse. *International Migration*, v. 43, n. 5, 2005.

KOCH, C. M. et al. Public debate in the media matters: evidence from the European refugee crisis. *EPJ Data Science*, v. 9, n. 1, 1 dez. 2020.

LAWLOR, A.; TOLLEY, E.. Deciding who's legitimate: News media framing of immigrants and refugees. *International Journal of Communication*, v. 11, 2017.

MADRA, Y. M.; ADAMAN, F.. Neoliberal reason and its forms: De-politicisation through economisation. *Antipode*, v. 46, n. 3, 2014.

MOEN-LARSEN, N.. "Suitcase-shelling-Russia": narratives about refugees from Ukraine in Russian media. *East European Politics*, v. 36, n. 1, p. 124-142, 2020.

PRIMEIROS estudos, v. 10, n. 02

NICK LYNN; SUSAN LEA. A phantom menace and the new Apartheid: the social construction of asylum-seekers in the United Kingdom. *Discourse & Society*, p. 425–452, 2003.

NOSSEK, H. 'News media'-media events: Terrorist acts as media events. *Communications*, v. 33, n. 3, 2008.

PERSE, E. M. *Media Effects and Society*. Nova Jérsei: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

QUINSAAT, S.. Competing News Frames and Hegemonic Discourses in the Construction of Contemporary Immigration and Immigrants in the United States. *Mass Communication and Society*, v. 17, n. 4, p. 573–596, 2014.

ROMAN, N.; YOUNG, A.; PERKINS, S. C.. Displaced and invisible: Ukrainian refugee crisis coverage in the US, UK, Ukrainian, and Russian newspapers. *Negotiation and Conflict Management Research*, v. 14, n. 3, p. 153–169, 2021.

TANKARD, J. The empirical approach to the study of media framing. In: REESE, S.; GANDY JR., O.; GRANT, A. (Orgs.). *Framing public life: Perspectives on media and our understanding of the social world*. Londres: Routledge, 2001.

UNITED NATIONS. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Organização das Nações Unidas, 1951. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>

VAN GORP, B.. Where is the frame?: Victims and intruders in the belgian press coverage of the asylum issue. *European Journal of Communication*, v. 20, n. 4, 2005.

Como citar

OLIVEIRA, Ana Rafaela et al. A representação dos refugiados da guerra Rússia-Ucrânia nos jornais portugueses. *Primeiros Estudos: Revista de Graduação em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n. 02, p. 59-77, 2023. DOI: 10.11606/issn.2237-2423.v10i2pe00102203